

SEMINÁRIO NO INSTITUTO BRAUDEL - 08/08/2013

O PAPA FRANCISCO E O MUNDO CONTEMPORÂNEO

Rubens Ricúpero

Perspectiva: falar do ponto de vista da história contemporânea; esquecer quem sou e o que creio, tratar a Igreja Católica como instituição humana, histórica, inserida no espaço e no tempo, evitar categorias da teologia e da eclesiologia.

Ponto de partida: a visita de uma semana ao Brasil para o Encontro Internacional da Juventude (EIJ) é um marco divisório, um divisor de águas no pontificado. Vaticanistas coincidiam em que a viagem ao Brasil seria a “prova de fogo” do papa, basicamente por duas razões: 1ª) seria a primeira saída do ambiente amistoso, conhecido, entusiástico da Praça São Pedro para enfrentar todo tipo de perigo: segurança, possíveis protestos e hostilidade e/ou indiferença, risco de ser manipulado por políticos e governos, armadilhas da imprensa; 2ª) teria de apresentar o pensamento de forma mais completa e articulada. Até então, vinha falando ao sabor das oportunidades: homilias diárias nas missas da Santa Marta, comentando o Evangelho do dia e aproveitando a presença de funcionários dos diversos setores do Vaticano; a bênção dominical do Ângelus. Isso não bastaria. Seria capaz de articular em formato mais completo o que vinha dizendo?

Primeira conclusão provisória: De ambos os pontos de vista, a visita foi um sucesso indiscutível, de público e de crítica, a saber: 1º) nenhum incidente a lamentar (a não ser as trapalhadas dos governos municipal e estadual), nenhum problema de segurança, multidões jamais vistas, entusiasmo geral de todos os setores, habilidade em manter distância de políticos e governos, simpatia contagiante, nenhum escorregão verbal, autenticidade, abertura inesperada à imprensa (a inteligência de conversar com os jornalistas na volta, não na vinda, a fim de não permitir que algo dito no avião ofusasse o encontro); não se materializaram os temidos protestos de evangélicos, ao contrário se mostraram em geral simpáticos; os que tentaram instrumentalizar a visita para protestos em continuação às manifestações de junho caíram no vazio: 2º) os textos, mais de cem páginas, se mostraram de alta qualidade, com destaque para os dois discursos mais longos, escritos pelo próprio punho,

um aos bispos brasileiros, o segundo ao Conselho Diretor do CELAM, a Conferência Episcopal Latino-americana. Como os descreveram alguns, os dois textos formam uma espécie de encíclica que não leva esse nome, uma exposição articulada, lógica e coerente de um programa de reforma. A aposta na viagem longa ao Brasil revelou-se ganhadora: o papa retorna a Roma consagrado pelo apoio interno (bispos choravam ao ouvi-lo na Catedral do Rio de Janeiro) e externo (o público indiferente à religião, mas bem impressionado pela personalidade do papa). Adquire assim as condições por assim dizer políticas, de opinião pública, para enfrentar as resistências passivas e levar avante aquilo para o qual foi eleito: a reforma.

Razão de ser da eleição: De fato, Francisco foi eleito por um motivo claro: realizar “reforma profunda e radical”. É o que transpirou do testemunho, entre outros, do cardeal Jaime Ortega, de Havana, que, no dia 23 de março, com a autorização do papa, leu em missa na Catedral cubana, o pequeno texto manuscrito em que o já então eleito papa havia resumido, a seu pedido, os quatro pontos da intervenção que Bergoglio fizera no pré-conclave e que aparentemente se mostrara decisivo para garantir-lhe a eleição. Vale a pena reproduzi-los agora, pois é notável a linha de continuidade entre esse curto discurso e o que vem sendo o desempenho do papa no dia a dia.

1º ponto) A Igreja é chamada para sair de si mesma e ir para as periferias, não apenas geográficas, mas existenciais: as do mistério do mal, do pecado, da dor, das injustiças, das ignorâncias e recusas da fé, do pensamento, de toda a miséria; 2º ponto) Se não sai de si mesmo, a Igreja se converte em organização autorreferencial, centrada em si mesma e adoece, cai no “narcisismo teológico” (quando Jesus diz que bate à porta, não é só querendo entrar, é querendo sair, quando “não o deixamos sair”); 3º ponto) em tal caso, sem se dar conta, a Igreja passa a acreditar que possui luz própria, deixa de ser o *mysterium lunae*, isto é, o mistério da lua, cuja luz provém do reflexo do sol, como a da Igreja deve provir de Deus; provoca o mal do mundanismo espiritual, segundo De Lubac, o pior mal que pode sobrevir à Igreja, esse viver para se dar glória uns aos outros; 4º ponto) pensando no próximo papa: um homem que, a partir da contemplação e da adoração de Jesus Cristo, ajuda a Igreja a sair de si para passar às periferias da existência.

Quando se relê esse singelo texto, vê-se que está tudo aí. Praticamente, todas as exortações, as homilias, os discursos são desenvolvimentos dessas ideias básicas.

A pedagogia dos sinais e dos gestos: O primeiro aspecto a realçar no novo papa é sua escolha da pedagogia do exemplo. Escrevi um artigo no qual lhe aplicava um dos sermões de Santo Antonio. Dizia o santo: estamos saturados de palavras e desertos de obras. Cessem, portanto, os discursos e falem as obras. É o que vem fazendo pelo rico simbolismo da escolha do nome, mais que um nome, um programa de vida: Francisco é sinônimo de pobreza, simplicidade, humildade, alegria, amor dos bichos e das plantas, amor da Criação. Não se pode negar que Francisco vem vivendo esse programa: recusando morar nos apartamentos papais, permanecendo em Santa Marta, onde até eu estive hospedado duas vezes e, em termos da hotelaria romana, não passa de um modesto hotel, a escolha é duplamente significativa: recusa viver num palácio (lembra não ser príncipe da Renascença) e fica perto e acessível, evita o isolamento, condição inicial para as intrigas e manipulações dos cortesãos de todo tipo. Seria infundável relacionar todos os gestos e sinais: a recusa de automóveis de luxo, de carros blindados, da segurança a expensas do contato direto com as pessoas, a malinha preta carregada por ele mesmo, o pedido à Alitalia para que o avião não tivesse nenhuma instalação especial, a preferência em se chamar, não de papa, mas de “bispo de Roma”, para salientar que é um bispo entre os bispos, para facilitar a aproximação com os ortodoxos, ciosos da autonomia de suas igrejas, as visitas a prisões, a favelas, a hospitais, o toque pessoal e caloroso, o abraço às pessoas, a roupa branca simples, a liturgia sem rebuscamentos. Por essa sequência de gestos e sinais, Francisco prepara e antecipa a reforma que deseja: só não consegue imaginar como seria essa reforma quem realmente não quer ver, pois tudo está nesses gestos e sinais.

A preparação da reforma: a nomeação da comissão de oito cardeais, nenhum deles da Cúria propriamente dita, fato em si já insólito, deixa perceber a primeira característica da mudança em preparação: uma reequilibragem do excesso de centralização romana dos últimos séculos em favor de maior participação dos bispos locais, de mais ênfase na colegialidade, num governo menos autocrático, centrado num monarca absoluto, em direção a um maior poder às conferências episcopais nacionais.

Durante a visita ao Rio de Janeiro, o papa se reuniu por várias horas com o cardeal de Honduras, coordenador da comissão e anunciou as várias reuniões que tenciona manter a partir do início de outubro com os membros desse colegiado, que já constitui, em si mesmo, um esboço de ministério, de gabinete, de possibilidade de partilha até certo ponto no processo de tomada de decisão.

O que se vai reformar?: Há certa tendência, até inconsciente, de julgar que a reforma é a da Cúria romana, como se o resto não estivesse igualmente necessitado de transformação. A abordagem de Francisco é diferente, é a mesma de Madre Teresa de Calcutá, num episódio que ele citou. Indagada por onde ela começaria a reforma da Igreja, a minúscula freirinha contestou: “Por mim e por Você!” Quer dizer, a reforma passa por profunda conversão interior, por mudança de vida de cada um. Este é um ponto no qual Francisco se distancia da maioria dos observadores, dentro e fora da Igreja, que tendem a dar importância quase exclusiva e absoluta à reforma das estruturas, das instituições. Da mesma forma que ocorre em relação à vida político-econômica, a posição de Francisco é que a reforma das estruturas e da organização será ineficaz se não vier acompanhada da conversão profunda, da mudança de vida, no sentido que claramente indicou: sair da sacristia, sair do conforto, ir às periferias do mundo, pagar o preço de si mesmo. No discurso à Comissão de Coordenação do CELAM, o papa afirma de modo lapidar: “A ‘mudança de estruturas’ (de caducas a novas) não é fruto de um estudo de organização do organograma funcional eclesialístico de que resultaria uma reorganização estática, mas é consequência da dinâmica da missão” E, para que não se confunda missão com proselitismo, esclarece que se trata de “uma Igreja que se organiza para servir a todos os batizados e todos os homens de boa vontade”.

Aliás, o discurso se desdobra sugestivamente em duas partes complementares: a “Reorganização interna da Igreja” e o “Diálogo com o mundo atual”. Nesse mesmo texto, uma das passagens mais interessantes é a descrição dos riscos desse processo: ideologização da mensagem evangélica, redimensionamento da mensagem de caráter socializante, subordinando-se às mais variadas abordagens, das ideologias do mercado às concepções marxistas, a ideologização psicológica, elitista, autocentrada, de uma espiritualidade individualística, as propostas gnósticas dos iluminados, dos pelagianos desejosos de retorno ao passado etc.

O discurso aos bispos brasileiros é documento de rara beleza, inclusive literária, profundo, soando em muitas passagens quase como oração de forte carga poética.

Na longa e inesperada conferência de imprensa que concedeu aos jornalistas na viagem de volta a Roma, texto também notável pelo que deixa transparecer das intenções profundas do papa, há sugestões dos inúmeros campos que a reforma deve cobrir. Alguns são óbvios e mais do que aguardados: o banco vaticano, por exemplo, I.O.R., o Instituto para as Obras de Religião. Francisco diz aguardar as propostas que solicitou e não sabe se o banco deve continuar a existir, se deve ser transformado em um fundo ou outra coisa. O cardeal de Honduras indagou: por que não um “banco ético”?

Outras pistas, mais surpreendentes: a de que a comissão deve refletir sobre a pastoral do matrimônio, divórcio e temas correlatos, à luz das “entranhas de misericórdia de mãe”. As palavras fortes sobre o que seria da Igreja se perdesse as mulheres e a afirmação que Maria é mais importante que os apóstolos, que se necessita urgentemente de uma profunda teologia da mulher. Também foram significativos os silêncios: a recusa de multiplicar condenações, de repetir as posições conhecidas em matéria bioética e moral em geral, a abertura e compreensão em relação aos homossexuais.

Alguns fatos relevantes: Além do que ficou dito acima, valeria talvez a pena lembrar ou reiterar alguns fatos fundamentais. Começamos pela razão da escolha: não se buscou um teólogo, um mestre de doutrina, como foi admiravelmente Bento XVI. Desejava-se um pastor, o que, em linguagem adaptada às instituições humanas não religiosas, pode-se dizer da seguinte forma: precisa-se não de um teórico, mas de um homem de ação. Dotado, porém, de visão estratégica, de nítida percepção do caminho que tenciona trilhar. Escolheu-se, nessas condições, um homem com experiência provada de chefia de uma grande diocese. Não se confunda esse atributo com a mera ação pela ação. Por isso, talvez, foi-se buscar um jesuíta, tipo de religioso de formação intelectual rigorosa colocada a serviço da ação. É curioso até lembrar que, no conclave anterior, de 2005, que elegeu Bento XVI, o preferido dos cardeais mais voltados para a ênfase na reforma era igualmente um jesuíta que tinha sido o arcebispo de uma grande diocese, o cardeal Martini, de Milão, descartado pela saúde frágil.

Sentia-se necessidade não apenas de um pastor qualquer, mas de alguém vindo de um contexto político, religioso, cultural, extra europeu, mais perto das tendências que assinalam a lenta deriva do pêndulo da história para os

continentes da Ásia, África e América Latina. Dada a maior densidade do catolicismo latino-americano do que o asiático ou o africano era lógica a preferência por um pastor de grande diocese latino-americana dotado de força intelectual, cultural e moral capaz de lhe permitir imprimir ao conjunto uma visão estratégica. Dentre as muitas razões do acerto da escolha, uma recente, ainda fresca na memória, foi essa do contato com as multidões no Brasil: pode-se imaginar algo similar com um papa não latino-americano?

Outra característica forte deste papa é a insistência na autocrítica: em vez de repetir incansavelmente as condenações do mundo exterior, volta-se o olhar para dentro, mas sempre no plural “nós”, o papa não se excluindo, ao contrário, da censura.

Foi extremamente encorajador que Francisco tenha anunciado a canonização conjunta, ao mesmo tempo, de João XXIII, homem da alegria diante do mundo, confiante nos riscos, na necessidade de abrir de João Paulo II, apóstolo extraordinário, comparado a Paulo pelo papa, mas que trouxe o pêndulo de volta às vezes ao confronto com o que no mundo aparece como inimigo do Espírito.

A síntese simbolizada por essa dupla canonização poderá ser, quem sabe, a marca definitiva deste pontificado.